

Introdução

A reflexão deste artigo foi estimulada pela palestra do professor Eduardo Pellanda, promovida pelo curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no dia 11 de agosto deste ano, sobre o tema “Jornalismo e dispositivos móveis”. O professor da PUC-RS tem pós-doutorado pelo MIT - Instituto de Tecnologia de Massachusetts, coordena o laboratório de Ubimídia e é um dos principais pesquisadores sobre tecnologia e comunicação do país.

Durante a palestra, o professor apresentou dados sobre os avanços da tecnologia e seus impactos no acesso, na produção de conteúdo e na conexão e colaboração entre as pessoas. Com o conceito de “Always on”, Pellanda aponta para uma sociedade 100% conectada, mas, mais do que isso, uma sociedade que incorpora o computador, a tecnologia, em sua rotina, vestindo-se e alimentando-se intermitentemente de informações.

Um dos grandes efeitos da popularidade dos meios de comunicação móveis não é só o fato de o indivíduo estar always on com um fluxo de dados de informações constante, mas também o fato de ele ser um ponto de compartilhamento de fatos ao seu redor. (PELLANDA, 2005)

As experiências apresentadas pelo professor geraram uma discussão muito rica e instigadora sobre os desafios que surgem para a sociedade como um todo, em termos de invasão de privacidade, utilização indevida dos recursos tecnológicos, entre outros, mas, sobretudo para o ensino de jornalismo. Em sua fala, Pellanda acredita que para enfrentar esses desafios é necessário criar um manual ou algo parecido que possa nortear a utilização correta das mídias móveis.

Entretanto, a reflexão que sobrepõe está relacionada aos conceitos éticos e morais da nossa sociedade e do exercício profissional do jornalismo, uma vez que numa época de transição de valores, seria possível apresentar limites para a cobertura jornalística? Será preciso rever a formação de jornalistas, que saibam atuar num mundo em transformação e cada vez mais sem fronteiras? Nossa questão passa também sobre o papel da tecnologia na formação de

jovens jornalistas. Precisamos formar para o mercado ou somos capazes de vislumbrar uma transformação social pelo exercício profissional da comunicação?

Relações de poder e potência

O problema não é a técnica ou mesmo a máquina, mas o ser humano. Aquelas podem nos levar em diversas direções, porque, em última instância, atualmente alienada e sem perspectiva de recuperação, ainda somos nós que lhes damos sentido, toda sua força não é senão expressão muito descontrolada dos poderes, sonhos, esperanças e desatinos da humanidade. (RÜDIGER, 2007, p. 180)

Mais que simples ferramenta, a tecnologia extrapola seu papel de auxiliadora das atividades cotidianas. No século 21, o avanço das tecnologias além de propiciar maior sedentarismo, parece promover um outro tipo de acomodação, a da reflexão. Quando a técnica supera o processo, o homem se vê refém de sua própria criação. Seduzidos pela técnica, passamos a ocupar um lugar menos brilhante, típico caso da criatura superando o criador. Mas, fato é que não podemos abrir mão dos avanços conquistados.

Como explica Bruno (2002, p. 198 e 205):

Lançando nossas mentes no mundo, construímos dispositivos periféricos que simultaneamente simplificam o nosso meio, facilitando nossa cognição cotidiana e refinando o nosso próprio pensamento. [...] O hábito de 'espalhar nossas mentes no mundo', além de simplificar nossas atividades cotidianas, permite que 'nossas mentes' se tornem objetos que podemos manipular, analisar, 'representar', transformar. As mudanças que operamos no mundo, as inúmeras tecnologias que criamos e utilizamos permite que nossas idéias, representações, pensamentos, hipóteses se tornem 'coisas sobre as quais pensar', operando assim mudanças sobre nós mesmos.

Como extensões da mente, as tecnologias encantam como facilitadores, mas nos contentamos em compreender apenas parte do processo. É assim, por exemplo, nos relacionamentos. Se por um lado, encurtamos as distâncias via internet e todas suas ferramentas de comunicação, por outro, nos distanciamos do contato presencial. É possível então questionar se sem a presença real os relacionamentos permanecem inalterados. Dessa forma, à distância, sem

necessidade de convivência e com a possibilidade de assumirmos diversos papéis, abrimos o nosso leque de amizades virtuais, cada um representando o papel que mais lhe agrada.

As plataformas eletrônicas inscrevem-se no quadro de uma artificialização crescente da experiência pela tecnologia. Essa artificialização realiza a uniformização da experiência estética de massas e anda associada tanto à ideologia do conformismo como à distribuição social do comodismo. (PASSARELI, 2014, p. 13)

Sinais dos tempos. Também é impossível retroceder em diversas áreas do conhecimento. Reféns da técnica, passamos a contar com a memória de computadores, velozes e impecáveis, sobre-humanos. Espalhamos nossas mentes no mundo, ampliando nossa teia de atuação, mas ao espalhá-la perdemos um pouco de nós mesmos, ficamos dependentes da rede que criamos.

Para Silva (2006, p. 22), a tecnologia abre caminhos desconhecidos, permitindo uma nova paisagem, construindo imaginários. Ele defende as tecnologias do imaginário como “dispositivos de produção de mitos, de visões de mundo e de estilos de vida”, tomando lugar das tecnologias de controle, não pela persuasão, mas pela sedução. Nessa concepção, “o mundo pós-moderno forja tecnologias de afeto e domina os sujeitos pela adesão, pelo consentimento”. (SILVA, 2006, p. 25)

Nada mais apropriado já que a era é a da verossimilhança. “O espectador já não suporta a ausência da tela. Não quer o gol, mas o replay do gol: não busca a paisagem, mas o cartão postal; não quer a verdade, mas o verossímil”. (SILVA, 2006, p. 61) Mas como dominá-la, se vivemos entre simulacros e até distorções da realidade? “Na hiper-realidade não é mais possível distinguir o imaginário do real, nem o signo de seu referente, e ainda menos o verdadeiro do falso”. (KUMAR, 1997, p. 134)

Talvez a resposta esteja em Levy (2008), otimista de um futuro calcado nas tecnologias da inteligência, que antevê, quase ingenuamente, que no

ciberespaço o homem seja capaz de uma reconciliação consigo mesmo e com a natureza. “O ciberespaço permite não apenas uma comunicação ‘um para um’ e ‘um para muitos’ mas também do tipo ‘muitos para muitos’ e a articulação em tempo real entre os três modos, o que incentiva a inteligência coletiva”. (LEVY, 2008, p. 166) Mas se perdemos o poder de reflexão, beirando a mediocridade, como sugere Marcondes Filho, ainda temos forças para submetê-las a razão? “Uma visão de mundo pequena, intelectualmente pobre e simplória, passou a dar as cartas no universo comunicacional e informático, retrocedendo o nível de inteligência exigido a posições que em muitos casos beiram a mediocridade.” (MARCONDES FILHO, 1997, p. 11)

Segundo Maffesoli, “a comunicação é cimento social, a cola do mundo pós-moderno” (2008, p.20). Na pós-modernidade, então, os meios de comunicação assumem um papel fundamental, multiplicando os olhares e a participação da sociedade. A palavra-chave é a interação. Como não temos mais os conceitos definitivos que nos sustentavam, a presença de inúmeros atores sociais ao mesmo tempo em que abre o leque de visões, tumultua o entendimento, a compreensão. “O mundo hoje está numa complexidade muito grande. Essa sensação de incerteza, de imprevisibilidade, se dá porque temos muitos atores, é muita gente atuando em cima da realidade”. (SANTOS, 2007, p. 56)

Dessa forma, o caos está instalado. O mesmo acontece com a informação, que pelo volume, dimensão e velocidade, é confundida como conhecimento, mas ao contrário provoca a perda pelo excesso.

A metáfora agora é a do momento que, criado pelo homem, o ameaça e a visão de mundo, a do curto-circuito da representação expressão, da confusão. Desaparecido o sujeito, é o objeto que marca agora os limites da individualidade e determina suas qualidades, o homem passa a existir pela técnica. Em relação à comunicação, ela entra numa espiral delirante e tautológica, onde o excesso produz exatamente a perda da informação. (MARCONDES FILHO, 1993, p.23)

Mas é exatamente no caos que está nossa esperança de redenção. Devemos recuperar um conceito inicial: o processo de comunicação deve ser maior que a

técnica. Dessa forma, propomos a comunicação, como processo, como vontade de potência, ou seja, resistência permanente.

Em “Assim falou Zaratustra”, Nietzsche expõe os conceitos de vontade de poder e vontade de potência. Para evitar confusão entre os dois, Silva esclarece: “O primeiro implica a submissão e o controle. A última, libertação e efervescência”. (SILVA, 2006, p. 35)

A comunicação é, sem dúvida, o fator mais importante da pós-modernidade. Abolido o conceito de persuasão, de dominação e também de subjugação do receptor, numa sociedade pluralista e complexa, a comunicação abre a possibilidade de negociação e identidade, através da interação e da troca de práticas culturais.

Como vontade de potência, a comunicação pode estimular o questionamento, a reflexão e a própria consciência da complexidade em que vivemos. Maior que a tecnologia, o processo de comunicação pode favorecer o pensamento, à medida que estimula o ser em relação, como sugere Paulo Freire.

Se os meios de comunicação, ao invés de reforçarem a desigualdade, mostrarem as diferenças, proporcionando uma revisão de valores e sentidos, poderemos criar uma nova sociedade, capaz de “sonhar sabendo que se sonha” e fazendo o homem consciente de si e conhecedor de seus limites. Como consequência do questionamento, da reflexão, podemos novamente estabelecer laços e retomar o sentido do pertencimento e do enraizamento.

Nietzsche e Heidegger, sobretudo o último, estão muito presentes nessa reflexão que provém do espírito de 68. Nietzsche nos ensina a pensar que o niilismo, ou seja, o declínio das grandes metanarrativas metafísicas, dos assim chamados valores, não é uma lástima, mas a possibilidade de inventar novos valores, menos repressivos, para nossa convivência. (VATTIMO, 1992, p. 4)

Relações em sala de aula

Se as técnicas e dispositivos móveis já dominam as relações sociais como um todo, em sala de aula o diálogo entre professores e alunos também é mediado

pelas tecnologias. Entretanto, os docentes ainda não encontraram um caminho para lidar com os novos dispositivos. A questão também perpassa a polêmica em torno do uso instrumental dos meios de comunicação e a própria adequação dos planos de ensino e metodologias aos novos modelos. Não se trata apenas de incorporação dos recursos, mas de como utilizá-los em favor da formação crítica de novos profissionais.

Em 2014, um artigo publicado pela *The New Yorker*, com o título “*The Case for Banning Laptops in the Classroom*”², escrito por Dan Rockmore, trouxe mais polêmica sobre o assunto. A principal argumentação do artigo está baseada em experimentos realizados nas universidades Cornell, Princeton e California que demonstraram maior apreensão da matéria, independente do assunto, nos alunos que utilizaram apenas papel e caneta. A possível explicação para entender o experimento estaria no fato de que ao anotar sem a tecnologia o aluno é forçado a refletir sobre o que está escrevendo, mesmo que não seja exatamente o que o professor tenha falado em sala de aula. Por outro lado, os alunos que utilizaram o laptop conseguiram um maior volume de informações, mas sem um registro efetivo sobre elas.

Há uma necessidade urgente de repensar a sala de aula e as relações professor-aluno e as tecnologias. Essa questão é um dos focos da Educomunicação, conceito que pretende discutir as delicadas tensões entre Comunicação, Tecnologia e Educação.

Em um de seus mais recentes trabalhos, Soares (2011)³ define a Educomunicação como “um *paradigma* na interface comunicação/educação”, que pretende atingir pelo menos três objetivos: (1) ampliar a discussão sobre a influência e relacionamento dos sujeitos e o sistema midiático, tanto para análise quanto para a utilização de dispositivos tecnológicos em sala de aula; (2) incentivar e consolidar “ecossistemas comunicativos nos espaços

² Disponível em <http://www.newyorker.com/tech/elements/the-case-for-banning-laptops-in-the-classroom> Acessado em 30/10/2014.

³ Educomunicação: As múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social, na Europa, Estados Unidos e América Latina. (no prelo)

educativos”, o que pressupõe uma gestão “democrática dos processos comunicativos”; e (3) fortalecer a capacidade de expressão dos indivíduos e grupos.

Nessa perspectiva, o conceito aplica-se tanto ao exercício de uma observação atenta sobre a presença dos sistemas de meios de comunicação numa sociedade em mudanças, promovendo sua “leitura” e “uso” (proximidade com o conceito de “educação para os meios”), quanto ao pleno exercício da liberdade de expressão dos sujeitos sociais em inter-relação nos diferentes espaços educativos (proximidade com a prática da “gestão de processos comunicativos”).

É nesse sentido que queremos tratar a proposta educomunicativa, muito mais ampla do que a utilização dos recursos tecnológicos ou comunicativos em sala de aula, ou seja, apenas instrumental. A Educomunicação vai além de tornar a aula mais agradável ou mais próxima dos educandos, a partir do momento em que se preocupa tanto com uma Leitura Crítica Dos Meios quanto com o diálogo, o processo e a relação professor-aluno, bem como a comunidade que faz parte ou participa desse movimento.

A relação Comunicação/Educação começou há mais de 50 anos longe dos olhares acadêmicos. Uma prática social, nascida em movimentos populares, voltada para a conscientização de crianças e jovens a respeito da influência dos meios de comunicação.

Apesar de ocorrer em praticamente todas as partes do mundo, na América Latina a aproximação dos dois campos ganha nuances mais ideológicas, no contexto da dominação e ditadura política enfrentada em vários países, uma vez que os discursos dos meios de comunicação estiveram atrelados aos políticos-ideológicos e foram instrumentos de manipulação por muitos anos. (SOARES, 2011)

Como elementos fundantes, o novo conceito se alimenta de pioneiros das duas áreas, como Paulo Freire, Mario Kaplún, Celestin Freinet e Janusz Korcsak, entre outros. Educadores, jornalistas, pensadores e pesquisadores que realizaram pioneiramente experiências em sala de aula com o jornal, o rádio e

a comunicação em geral, com um objetivo comum: a transformação do passivo receptor – seja de conhecimentos transmitidos pela educação “bancária” ou de informações transmitidas pelos meios de comunicação – a um sujeito-ator, construtor da sua própria história.

A Educomunicação tem sido vista por meio de seu objetivo-fim que é formar cidadãos críticos e aptos a viverem em uma sociedade altamente marcada pelos dispositivos tecnológicos e meios de comunicação. Entretanto, a sua prática reúne referenciais diferenciados, capazes de identificar se o caminho foi percorrido de maneira educacional.

Entre eles, os diferenciais que identificam as práticas educacionais são: “uma gestão participativa dos processos e recursos, que busca construir e fortalecer ecossistemas comunicativos abertos e democráticos, ampliando o coeficiente comunicativo dos sujeitos envolvidos”. (SOARES, 2011)

Dessa forma, não basta introduzir a comunicação como instrumento de aproximação ou dinamismo em sala de aula, mas é preciso construir pontes de diálogo, expressão e participação igualitária, onde todos têm direito à voz e podem emitir suas opiniões, preferências e ideias.

Nesse sentido, a Educomunicação pode romper com autoritarismos, exclusões e desigualdades, uma vez que, por meio do diálogo, do reconhecimento das diferenças e das necessidades do outro, propõe um equilíbrio entre as relações de poder presentes nos processos de aprendizagem, tanto formais quanto informais.

Considerações finais

É papel do ensino superior ampliar a capacidade de reflexão dos alunos, construindo argumentos e pensamentos criticamente, inclusive sobre as suas maneiras de participarem ou compartilharem informações nas redes sociais.

O advento da tecnologia digital indica uma necessidade de se estender a missão tradicional da escola (...) a escola existe, em parte, para proporcionar aos jovens experiências sociais,

intelectuais e culturais que eles não teriam sem ela. (...) As escolas deveriam desempenhar um papel fundamental na tentativa de nivelar as desigualdades de participação, ou seja, o acesso desigual às oportunidades, experiências, habilidades e conhecimentos que irão preparar a juventude para uma ampla participação no mundo de amanhã. (BUCKINGHAM, 2012, p. 56)

As experiências com os dispositivos móveis devem fazer parte da preocupação dos professores, não apenas em suas pesquisas acadêmicas, mas principalmente nas relações em sala de aula e com os alunos. Não há como retroceder e os debates em torno deles estão apenas se iniciando, como aponta Scolarì:

Essa é uma experiência perturbadora Homo sapiens... Estamos apenas apreciando as primeiras conseqüências dessa convergência/explosão. Este é um processo em curso e ainda não terminou! Neste contexto, considero que a comunicação móvel está no centro dos processos de convergência cultural contemporâneos. A pesquisa sobre a comunicação móvel a partir da perspectiva de estudos de mídia está apenas começando e tem um longo caminho a percorrer. Para seguir este caminho, é necessário compreender que um novo meio de comunicação entrou no ecossistema de mídia, um meio com os seus próprios modelos de negócios, gramática, práticas de produção e dinâmicas de consumo. (...) As conseqüências desta aparição serão sentidas por todo o ecossistema de mídia, o que torna necessária a inclusão de comunicação móvel nas agendas dos pesquisadores. (SCOLARI, 2016, p. 183)

Nesse sentido, Jenkins (2016) chama a atenção para o papel crucial das instituições de ensino, em todos os níveis.

Podemos esperar, portanto, que, na era digital, as instituições de ensino tenham um papel a desempenhar na promoção de competências na cultura midiática, na criação de oportunidades para os jovens reivindicarem e exercitarem suas vozes, garantindo que tenham a orientação de que precisam para encontrar o caminho das redes, que serão a fonte produtiva para sua energia criativa e suas necessidades sociais. Além disso, devem ter um papel importante na promoção de uma séria reflexão sobre as normas éticas que podem permitir que uma sociedade diversificada respeite todos os participantes e se responsabilize pela qualidade das informações colocadas em circulação. (JENKINS, 2016, p. 217)

Entendemos que há uma necessidade de uma análise mais profunda sobre a utilização das novas tecnologias e principalmente das formas que elas podem ser trabalhadas para ampliar o índice de aprendizagem e reflexão, exigidos pelos cursos de graduação. A Educomunicação pode oferecer subsídios para pensar os fenômenos de ensino-aprendizagem numa sociedade ainda mais impactada pelos dispositivos tecnológicos móveis.

Concordamos com Bucci (2000) que a preocupação atual deve ser com o preparo crítico, a formação ética e a apropriação do senso de sujeito. Uma geração que não ignore seu papel de formadora de opinião e nem o seu uso estratégico na ampliação do poder do mercado. A meta de formar jornalistas fica ainda mais desafiadora, levando os sujeitos a construir novos modos de atuação na mídia e, por consequência, no mundo.

Referências Bibliográficas

BRUNO, Fernanda. **Tecnologias cognitivas e espaços do pensamento**. In: Livro da XI Compós. 2002. Porto Alegre: Estudos de Comunicação Compós e Ed. Sulina, 2003, p. 193-217.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pp. 188-201.

BUCKINGHAM, David. **Precisamos realmente de educação para os meios?** In: Comunicação & Educação. Ano XVII, n.2, julho/dez. 2012 p. 41-60.

JENKINS, Henry. **Convergência e Conexão são o que impulsiona a mídia agora**. Entrevista concedida a Priscila Kalinke e Anderson Rocha. In: Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. V. 39, n. 1, jan/abr. 2016. São Paulo: Intercom, 2016, pp. 213-219.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LEVY, Pierre. **O ciberespaço como um passo metaevolutivo**. In: MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da. (orgs). A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário. Porto Alegre, Sulina, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **A comunicação sem fim**. MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da. (orgs). A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário. Porto Alegre, Sulina, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. Por uma nova teoria da comunicação. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder e NETO, Antonio Fausto (eds). **Comunicação e cultura contemporâneas**. Rio de Janeiro: Notrya / Compós, 1993, p. 20-31.

_____. **SuperCiber: A civilização místico-tecnológica do século 21**. São Paulo: Ática Shopping, 1997.

SCOLARI, Carlos Alberto. **A comunicação móvel está no centro dos processos de convergência cultural contemporâneos**. Entrevista concedida a Alan César Belo Angeluci. In: Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. V. 39, n. 2, maio/ago. 2016. São Paulo: Intercom, 2016, pp. 177-184.

PASSARELLI, Brasilina at all (org.) **e-Infocomunicação: estratégias e aplicações**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014.

PELLANDA, Eduardo. **Internet móvel: novas relações na cibercultura derivadas da mobilidade na comunicação**. Porto Alegre: Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, 2005.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução às teorias da Cibercultura: perspectiva do pensamento tecnológico contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SANTOS, Jair Ferreira dos. In: **CAROS AMIGOS**, edição especial, ano XI, nº 36, São Paulo, novembro de 2007.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: As múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social, na Europa, Estados Unidos e América Latina**. (no prelo)

_____. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Portugal, Relógio d'Água, 1992.